

## TERRAE INCOGNITAE: O LUGAR DA IMAGINAÇÃO NA GEOGRAFIA<sup>1</sup>

*Terrae Incognitae: the place of the imagination in Geography*

John K. Wright<sup>2</sup>

### RESUMO

Quais são as terras incógnitas ainda existentes? Em um primeiro vislumbre, pode parecer que são poucas, se considerarmos incógnitas apenas aquelas nunca tocadas pelo homem. Mas John Wright nos incita a pensarmos que a pouca extensão e profundidade do nosso conhecimento, além dos limites daquilo que pode ser conhecido por um indivíduo, transforma todo o planeta em um conjunto de pequenas terras incógnitas. É na permanente busca por tornar estas terras “cógnitas” que devemos valorizar a imaginação e a subjetividade como qualidades fundamentais para um bom geógrafo, e para uma ciência mais clara, viva, condizente com a realidade da vida. Wright nos propõe, finalmente, o constante estudo do conhecimento geográfico – a geosofia – que lida com a natureza e expressão da geografia em sentido amplo, ou seja, a geografia praticada por todos nós.

**Palavras-chave:** Geosofia. Conhecimento geográfico. Subjetividade.

### ABSTRACT

Which are the remaining *terrae incognitae*? At a first glance, it may seem that they are few, if we consider *incognita* only the ones that have never been touched by men. But John Wright urges us to think about the small range and depth of our knowledge, beyond the limits of what can be known by an individual, turning the planet into an ensemble of small *terrae incognitae*. It is the permanent quest for making these lands “cognitae” that we should value imagination and subjectivity as key qualities of a good geographer, and for a clearer science, more vivid and consistent with the reality of life. Wright proposes, finally, the persistent study of geographical knowledge – geosophy – which handles with the nature and expression of geography in its broadest sense, i.e., the geography practiced by all of us.

**Keywords:** Imagination. Geosophy. Geographical knowledge. Subjectivity.

1 Discurso presidencial proferido ante a American Geographical Society, em sua quadragésima terceira reunião em Columbus, Ohio, 30 de dezembro de 1946. Tradução: Letícia Pádua. Agradecemos à AGS pela autorização da publicação desta tradução.

2 John K. Wright (1891-1969), geógrafo, PhD em História pela universidade de Harvard, foi bibliotecário membro e editor da American Geographical Society entre 1920 e 1956.

**TERRA INCOGNITA:** estas palavras mexem com a imaginação. Ao longo do tempo os homens têm sido atraídos, pelo canto das Sereias, a regiões desconhecidas, ecos que ressoam hoje em nossos ouvidos quando vemos nos mapas modernos espaços rotulados como “inexplorados”, rios representados por linhas tracejadas, ilhas marcadas como “existência duvidosa”. Neste sentido vou me ocupar das *terrae incognitae*, tanto de modo literal como enquanto símbolo de tudo que é geograficamente desconhecido; discutirei o atrativo que este desconhecido exerce nas faculdades imaginativas dos geógrafos e outros, e o lugar da imaginação nos estudos geográficos.

#### AS SEREIAS DAS TERRAE INCOGNITAE

Nos tempos antigos, a *terra incognita* literal raramente estava longe dos lares<sup>3</sup> dos homens. Para os nossos ancestrais da idade da pedra, uma cadeia de montanhas azuis no horizonte poderia marcar sua fronteira. Além dela está uma terra – talvez, de espíritos maus – na qual eles devem frequentemente ter desejado penetrar, mas não tiveram coragem. Se, finalmente, a curiosidade vencesse o receio e, com alguns companheiros durões, eles cruzassem a cordilheira proibida, provavelmente encontrariam uma região não tão diferente da sua. Deste modo, a fronteira circundante era empurrada, alterada pouco a pouco e, um pequeno passo era dado em um processo que ainda não alcançou seu fim. Mas apesar dos nossos ancestrais da idade da pedra e seus descendentes até o alvorecer dos tempos modernos terem aumentado o limite da *terra incognita* pouco a pouco, o seu “mundo conhecido” era apenas um ponto de luz em meio a uma sombra –

<sup>3</sup> Nota da tradutora: no texto original, o termo é *hearthfire*, que é usado para denominar as fogueiras dos tempos pré-históricos que representavam o local de reunião do núcleo familiar, lugar que oferecia segurança, calor humano, onde comiam e dividiam o sustento e a socialização. A opção por *lar* é uma aproximação desta noção de *hearthfire*.

sem limite, para tudo que fosse definitivamente compreendido e provado. Viagens para estas sombras se tornaram o tema favorito de poetas e contadores de histórias – é o tema do mito do Argonauta e da “Odisseia”, das lendas de Ali Babá e São Brandão. Desta escuridão, hordas selvagens apareciam de tempos em tempos levando fogo e armas através da Europa – Citas, Hunos, Tártaros; era a sombra misteriosa, de onde vinham rumores de homens estranhos e monstros, do império eclesiástico do Padre João, das tribos apocalípticas de Gogue e Magogue fechadas atrás dos muros de Alexandre até que, no dia do julgamento, eles deverão eclodir para vingar o mundo. A *terra incognita* não estava sem contato com o mundo conhecido, e ao longo de grande parte da história, a consciência de sua presença ameaçadora deve ter criado um maravilhamento permanente em todos, exceto os menos imaginativos.

Possivelmente, este maravilhamento foi herdado e se enraizou no subconsciente de pessoas sensíveis e foi, deste modo, transmitido de geração em geração até os nossos dias; mas, sejam ou não herdados, os impulsos mais íntimos que nos fazem ter satisfação nos estudos geográficos se assemelham com aqueles que levaram nossos antepassados da idade da pedra através das terras além do alcance. No decurso de um trabalho de campo ou em um feriado de verão todos subimos a montanha e miramos terras desabitadas e desconhecidas. Atrás de nós, se estende o vale no qual viemos, a fazenda ou rancho em que dormimos. Diante de nós se apresenta não uma terra desconhecida para o Levantamento Geológico dos Estados Unidos (*United States Geological Survey*), mas ao menos uma *terra incognita* pessoal. No humor contemplativo que o topo das montanhas induz, repensamos insistentemente sobre a vista, especulamos sobre a configuração da terra, experimentamos a sensação prazerosa do mistério – sentimos, talvez, até um toque de sinistro. Ouvimos o canto das Sereias.

*Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia  
John K. Wright

As Sereias, é claro, cantam coisas diferentes para pessoas diferentes. Algumas, elas tentam com recompensas materiais: ouro, peles, marfim, petróleo, terras para colonizar e explorar. Algumas, elas encantam com a perspectiva de descobertas científicas. Outras, elas convidam para a aventura ou a liberdade. Aos geógrafos, elas convidam mais especialmente para mapear a configuração de seus domínios e a distribuição dos vários fenômenos contidos neles, solucionar o enigma complexo e juntar as partes para formar uma concepção coerente do todo. Mas para todos os que as ouvem, elas jogam um feitiço poético.

Atualmente, os geógrafos raramente ou nunca têm a oportunidade de entrar em alguma das *terrae incognitae* literais – um território totalmente inexplorado – e em um primeiro vislumbre pode parecer artificial comparar o encanto de tais desconhecidos com a atração que nos levam às regiões e aos problemas com os quais devemos efetivamente nos preocupar. No entanto, o canto das Sereias ouvido por um Colombo, um Magalhães ou um Livingstone diferem apenas em intensidade, mas não no tom e qualidade, daquele que nos chama a explorar as nossas aparentemente mais prosaicas *terrae incognitae*. Permita-nos, portanto, examinar mais profundamente a natureza das *terrae incognitae* de várias magnitudes e tipos.

#### ALGUMAS VARIEDADES DE *TERRAE INCOGNITAE*

Obviamente, uma determinada área será denominada “desconhecida” ou não dependendo tanto de quem é o conhecimento como de qual tipo de conhecimento será considerado. Como usado literalmente nos primeiros mapas europeus, as palavras *terra incognita* significavam uma terra desconhecida para o cartógrafo, depois que, presumivelmente, ele consultasse todas as fontes de informação disponíveis; mas se os tais “territórios desconhecidos” estivessem

além do conhecimento de geógrafos e cartógrafos na civilização ocidental, eles eram conhecidos para seus habitantes – se tivesse algum – e, frequentemente, também para povos de outras civilizações. A China está no coração da *terra incognita* dos romanos, mas o Império Romano estava igualmente perdido nas “terras desconhecidas” para os chineses. Estamos familiarizados com mapas representando a extensão do “mundo conhecido” em datas diferentes, muitos dos quais ilustram, um tanto cruelmente, os estágios no desenvolvimento do conhecimento geográfico de uma única tradição cultural, a do ocidente. Para aperfeiçoar o registro, seriam necessários mapas similares de outras tradições, mostrando o progresso no conhecimento regional dos chineses, japoneses, árabes, hindus, maias e outros povos menos avançados. Seria também revelador se a dinâmica deste processo pudesse ser ilustrada cartograficamente, como, por exemplo, no século dezesseis, quando o estabelecimento do contato entre a Europa e o Extremo Oriente produziu uma coalescência parcial dos mundos desconhecidos das geografias ocidental e chinesa.

Quando dizemos “o mundo como conhecido para os gregos do tempo de Erastóstenes” ou “para os americanos em 1945 d.C.” queremos dizer as áreas sobre as quais certos gregos e certos americanos estavam em posição de determinar algo sobre, sem ter que conduzir expedições exploratórias para o propósito. O mundo como realmente conhecido para a grande maioria dos gregos e americanos era menor. Aquilo que é *terra incognita* para todos os propósitos práticos para uma comunidade isolada é mais vasto do que é *terra incognitae* para os membros desta Associação. Consequentemente, dependendo no nosso ponto de vista, elas são *terrae incognitae* pessoais, da comunidade ou nacionais: elas são *terrae incognitae* para diferentes tradições culturais e civilizações; e também há a *terrae incognitae* para a ciência geográfica contemporânea.

## *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia

John K. Wright

O significado da *terra incognita* depende não menos do tipo de conhecimento que estamos considerando. Existem dois graus de conhecimento geográfico: conhecimento de fatos observados e o conhecimento derivado de uma inferência razoável dos fatos observados, com os quais preenchemos as lacunas entre os primeiros. Baseado da inferência razoável, por exemplo, eu **sei** que o clima naquelas partes da Antártica que nunca foram vistas por olhos humanos é muito frio para manter florestas tropicais, e que o coração inexplorado do Sudeste da Arábia é muito quente e seco para tundras e campos de gelo. Deste modo, se a *terra incognita* for concebida em sentido absoluto, como uma área na qual prevalece a total ignorância humana, nenhuma *terrae incognitae* existe hoje na superfície do planeta. Em nenhum lugar deste planeta a sombra é tão completamente escura como já foi em outros tempos. A ciência alcançou um ponto onde nós podemos seguramente interpolar o conhecimento geográfico, se incompleto, preenchendo todas as lacunas.

Eu tenho um lugar de veraneio na costa do Maine. Vocês geógrafos não sabem nada sobre ele, exceto o que vocês podem razoavelmente inferir a partir de sua familiaridade geral com a região na qual ele está. Vocês podem inferir alguma coisa acerca de seu clima e podem também tirar algumas conclusões sobre o que ele não é, como fazemos sobre o interior da Antártica; mas sobre seu relevo, drenagem, solos, vegetação, casario, estradas e outros aspectos de sua geografia interna, nenhuma informação publicada está disponível. Vocês podem supor razoavelmente que a vegetação inclui abetos, pinheiros e lariços mas, por tudo o que é realmente conhecido para a ciência geográfica, minha terra pode não ter uma única árvore sobre ela. Se, portanto, a *terra incognita* for concebida como uma área dentro na qual nenhum fato observado foi registrado na literatura científica ou nos mapas, o interior do meu lugar no Maine, não menos que o interior

da Antártica, é uma *terra incognita*, apesar de ser uma bem pequena. De fato, se olharmos de suficientemente perto – toda a Terra parece uma imensa colcha de retalhos de mini *terrae incognitae*. Mesmo que uma área seja minuciosamente mapeada e estudada por um exército de micro geógrafos, muito sobre sua geografia sempre permaneceria desconhecida e, deste modo, se hoje não há *terra incognita* em sentido absoluto, não há também *terra* absolutamente *cognita*.

### A IMAGINAÇÃO EM GEOGRAFIA

Naturalmente, outros motivos além da nossa atração magnética para o geograficamente desconhecido exercem seu papel em nos fazer e nos manter geógrafos. A satisfação sobre o que sabemos e em transmitir aos outros, distinta da curiosidade sobre o que nós **não** sabemos, é frequentemente um fator poderoso. Podemos apreciar os processos assimilativos da coleta de dados em campo ou na biblioteca, ou o processo intelectual de pensar através de problemas complexos, ou o processo altruísta de construir algo que esperamos que seja útil, ou ao menos de interesse, para os nossos semelhantes. Mas estes motivos não são particulares a nós geógrafos, já que eles impelem outros além de nós. O que distingue o verdadeiro geógrafo do verdadeiro químico ou do verdadeiro dentista parece ser a posse de uma imaginação que responde peculiarmente aos estímulos das *terrae incognitae*, tanto no sentido literal quanto, mais especialmente, no sentido figurado, de tudo que permanece escondido além das fronteiras do conhecimento geográfico. De fato, quanto mais brilha a luz de nosso conhecimento pessoal sobre uma região ou um problema, mais atraídos nós somos para a obscuridade dentro dela ou de toda a sua extensão.

A pesquisa geográfica procura converter as *terrae incognitae* da ciência em *terrae cognitae* da ciência; a educação geográfica converter

## *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia

John K. Wright

*terrae incognitae* pessoais em *terrae cognitae* pessoais. Nos dois casos o desconhecido estimula a imaginação a conjurar imagens mentais do que procurar dentro dela e, quanto mais é encontrado, mais a imaginação sugere novas buscas. Deste modo, a curiosidade é produto da imaginação. Agora, sobre a curiosidade, parece um pouco lamentável que esta palavra, usada para designar uma característica intrometida e impertinente dos macacos, de crianças pequenas e de fofos, seja também aplicada ao impulso mais nobre e impessoal que leva o astrônomo a procurar as profundezas do universo e o geógrafo a penetrar os mistérios das *terrae incognitae*. “Admiração” seria um termo preferível já que não poderemos experienciar a admiração na contemplação das coisas sem procurar entendê-las. Em todo caso, quanto menos imaginativos somos, menos abertos para a admiração ou a curiosidade, e geógrafos de imaginação fraca – já que se deve admitir que alguns poucos existem – são impelidos por diferentes motivos. Eles seguem as pegadas de outros, imitando padrões estereotipados e, se sua empreitada e habilidade imitativa forem consideráveis, podem ter sucesso em ensinar e até em pesquisar, servindo bem para manter a geografia como está e conduzi-la ao longo de trilhas batidas, se não para balizar as novas.

A imaginação não apenas se projeta nas *terrae incognitae* e sugere rotas para seguirmos, mas também trabalha sobre as coisas que descobrimos e cria concepções imaginativas que buscamos dividir com os outros. Nas palavras do falecido Sir Douglas Newbold: “O conhecimento deve se tornar visão, este estado de espírito e coração que não deve meramente engolir evidências, mas transformar aquela evidência em julgamento, apreciação, um retrato vivo de uma terra”<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Em uma passagem de sua aula inaugural proferida no Centro Cultural Sudão, citada por R. A. Hodgkin, *Sudan Geography*, publicada pelo Departamento de Educação do Governo do Sudão, 1976, p. 147.

Ao contrário das imagens mentais que podemos meramente evocar da memória – como a lembrança de cenas já vistas – uma concepção imaginativa é essencialmente uma nova visão, uma nova criação e, conseqüentemente, quanto menos imaginativos nós formos, menos nova e original será nossa escrita e ensino e menos eficientes seremos no estímulo de imaginações alheias.

Mas uma imaginação poderosa é uma ferramenta perigosa na geografia a menos que seja usada com cuidado. De fato, a imaginação pode ser melhor comparada com um cavalo temperamental do que com um instrumento que opera precisamente e com objetividade. Função altamente sensível da mente, ela é facilmente seduzida por influências subjetivas e por esta razão dividiu uma parte do descrédito no qual a subjetividade é mantida nos círculos científicos.

Tenho muito a dizer sobre a subjetividade no que virá a seguir, pode ser prudente parar agora para analisá-la. O descrédito no qual é mantida, eu sinto, não é totalmente merecido e pode se dever a uma crença equivocada de que a subjetividade é a antítese da objetividade. Objetividade, todos devemos concordar, é uma disposição mental de conceber as coisas realisticamente, uma disposição herdada em parte da vontade e em parte da habilidade de observar, lembrar, e racionalizar corretamente. O oposto da objetividade deve, então, ser a disposição mental de conceber as coisas irrealisticamente; mas, claramente, esta não é uma definição adequada de subjetividade. Como comumente entendida, a subjetividade implica, antes, uma disposição mental para conceber as coisas com referência a si mesmo, ou seja, como elas aparecem para uma pessoa, ou como elas afetam e podem ser afetadas pelos desejos e interesses de uma pessoa. Enquanto tal disposição frequentemente, de fato, leva ao erro, ilusão, ou decepção deliberada, é inteiramente possível conceber as coisas não apenas com referência a si mesmo, mas também realisticamente. Se este não fosse o caso, a

raça humana estaria extinta há muito tempo. Deste modo, podemos distinguir entre (1) a objetividade estritamente impessoal, (2) a subjetividade ilusória, e (3) a realista, ou pode-se dizer subjetividade objetiva. Para ilustrar: minha concepção do gambá como um animal peludo com certas habilidades distintas – neste caso, não uma concepção imaginativa – é impessoalmente objetiva; a concepção de uma pessoa não observadora de um gambá específico como um gato, seria o produto de uma subjetividade ilusória; e a observação precisa de um observador cuidadoso do encontro pessoal com um gambá específico seria o produto de uma subjetividade realista.

Estes são três processos imaginativos importantes relacionados à geografia, em cada um deles a subjetividade, de uma forma ou outra, representa um grande papel. Estas podem ser denominadas imaginação promocional, intuitiva e estética.

A primeira, a imaginação promocional, é controlada pelo desejo de promover ou defender qualquer interesse ou causa pessoal, diferente daquela de buscar a verdade objetiva por seu próprio fim. É a imaginação subjetiva dominada por emoções como as predisposições, os preconceitos, o favoritismo, a cobiça, o medo, ou mesmo o amor, todos podem levar a imaginação a produzir concepções ilusórias ou enganosas conforme aquilo que a pessoa gostaria, mais do que necessariamente a verdade. A subjetividade realista, no entanto, também pode influenciar a imaginação promocional. A devoção apaixonada a uma causa social ou pessoal pode resultar em uma busca não menos passional de concepções realistas úteis para desenvolver ou defender esta causa. A cobiça humana pela riqueza e poder e a parcialidade humana por formas particulares de doutrinas religiosas produziram, como subprodutos, ricos frutos no conhecimento geográfico objetivo.

A finalidade da imaginação intuitiva, o segundo tipo, é objetiva no sentido de que o intuito aqui é assegurar as concepções realistas. Ela é,

no entanto, um processo subjetivo, porque ela faz uso das impressões pessoais e de fatos selecionados, ao invés de impessoais, considerando e pesando todas as evidências pertinentes. Muito da sabedoria acumulada no mundo foi adquirida deste modo, não da aplicação rigorosa de pesquisa científica, mas através da habilidosa imaginação intuitiva – ou introspecção – de filósofos, profetas, estadistas, artistas e cientistas.

### IMAGINAÇÃO ESTÉTICA

O terceiro tipo de imaginação – o tipo sobre o qual gostaria de falar mais especialmente – denominei “estética”, apesar de relutar em usar este adjetivo por causa de sua frequente, apesar de errônea, associação mental com o desagradável substantivo esteta. A imaginação é meramente uma subespécie da imaginação promocional, que incita no interesse das pessoas dominantes, o desejo de desfrutar o próprio processo de imaginação, e de dar satisfação aos outros através da comunicação dos resultados em forma escrita ou gráfica. O objetivo final, portanto, é tanto a criação de um trabalho de arte independente como a introdução da arte em um trabalho de utilidade ou de ciência. Muita imaginação é produto de uma subjetividade ilusória, de uma disposição de criar concepções que são fictícias ou irreais, como um pintor que pinta vacas de uma maneira que ninguém no planeta as reconheça. Muito disso, no entanto, é resultado de uma subjetividade realista, como quando ele pinta a vaca da maneira como ela se parece para você ou para mim. Isto pode ser feito com ou sem a ajuda da imaginação estética. Nem todas as vacas são igualmente merecedoras de serem pintadas e nem todos os aspectos de uma dada vaca são igualmente merecedores de ênfase. A imaginação pode guiar na seleção de uma vaca merecedora de uma pintura, ou de uma

## *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia

John K. Wright

vaca comum em um cenário notável, ou aspectos notáveis tanto de uma vaca comum quanto de uma notável. E pelo mesmo processo, um geógrafo pode descrever um lugar ou região, tanto com atenção conscienciosa, mas sem imaginação para os detalhes, como com imaginação estética na seleção e ênfase de aspectos da região que são distintos ou característicos.

Qual é a atitude do geógrafo para a imaginação intuitiva e estética? Alguns acreditam que devemos explorar apenas tais *terrae incognitae* como se se prestassem à exploração em acordo com princípios científicos rigorosos, que o propósito de tal exploração deva ser determinar exatamente o que essas *terrae incognitae* contêm, e que na apresentação dos resultados para os outros devemos aspirar à restrita e impessoal objetividade. Deve ser deixado, esses dizem, para os artistas, poetas, filósofos, romancistas e políticos o desenvolvimento das faculdades intuitivas e estéticas de suas mentes; geógrafos devem se manter em um caminho mais estreito e reto.

Outros admitem que muitos tipos de pesquisa geográfica não podem ser realizadas ao longo de linhas estritamente científicas e que sempre haverá escopo na geografia para imaginação habilidosa e intuitiva, se não para a estética. A geografia lida em grande medida com seres humanos e o estudo de questões e motivações humanas ainda não alcançou um estágio no qual mais que uma pequena parte destes estudos possa ser desenvolvida como uma ciência exata. Até que alcance este estágio, muitos estudos geográficos terão que ser consideravelmente tingidos com uma subjetividade intuitiva. Mas também entre aqueles que têm esta visão, a atitude prevalente sobre a imaginação estética na geografia é de desconfiança.

Infelizmente, esta desconfiança arraigada sobre nossos impulsos artísticos e poéticos frequentemente nos faz reprimi-los e cobri-los com

crostas de matéria prosaica e deste modo nos tornamos encrustados na nossa atitude sobre tudo no domínio da geografia que experimenta o estético. Como os companheiros de Ulisses, nós nos debateríamos com os ouvidos tampados para cantos nas Sereias. Se um pouco de sua melodia penetrasse nos ouvidos, tentaríamos impedir que os outros soubessem. Ulisses, no entanto, escutou as Sereias e, como consequência, pode-se interpretar de modo fantasioso, toda a sua viagem assumiu para ele a aura que sentimos ao ler a Odisseia. Se seus companheiros tivessem sobrevivido, suas notas sobre a expedição teriam sido estritamente objetivas, factuais, realistas, mas sem inspiração e, como muito da geografia atual, rapidamente esquecidas. Nas palavras de Homero (como colocado por T. E. Lawrence), Ulisses devolveu “alegria ao espírito e amadureceu o conhecimento” e, deste modo seu relato vive para sempre. Ele foi bem aconselhado a escutar atentamente as sereias, a permitir que o charme de suas vozes estimulasse sua imaginação mas, no entanto, prender a si mesmo ao mastro para então passar por elas. Se ele as tivesse visitado e se rendido aos seus fascínios, e então tivesse a sorte de escapar, teria trazido de volta um relato tão irrealista e sensacional que repeliria ouvintes preconceituosos, sua narrativa seria esquecida ainda mais cedo, talvez, do que teriam sido as honestas e prosaicas histórias dos membros de sua tripulação.

### O LEGÍTIMO E O DESEJÁVEL NA SUBJETIVIDADE ESTÉTICA

Nosso medo indevido de ouvir as Sereias parece derivar de três noções bastante difundidas: primeiro, que a subjetividade estética é sempre não científica, levando ao erro e à fantasia; segundo, que ela não tem lugar na geografia, não cumprindo propósito funcional algum; e terceiro, que geógrafos, em geral, não têm habilidade em dar

expressão para a sensibilidade estética e deste modo, devem evitar tentar fazê-lo.

Ao considerar a validade destas três noções, devo designar como “legítimas” tais práticas desde que não interfiram de fato no avanço da geografia científica, que é, e deve ser a preocupação primária da totalidade dos geógrafos. Devo designar como “desejáveis” tais práticas legítimas uma vez que também parecem promover o avanço tanto da geografia científica quanto da geografia em um sentido mais amplo.

Acerca na primeira noção é, certamente, verdade que a subjetividade estética pode levar à ilusão e ao erro. Há, no entanto, uma diferença entre fantasia e ilusão. Não somos, de maneira alguma, iludidos por todas as nossas fantasias. Escritores frequentemente criam fantasias para o objetivo específico de fazer a exposição de suas verdades da maneira mais eficiente possível. Isso pode ser feito tanto usando meramente alguma metáfora ocasional como “as uvas de cólera” ou “os cães da primavera”, ou através da escrita de romances e poemas épicos inteiros. Fantasia se torna ilusão apenas quando é criada para enganar ou quando é inabilmente empregada. Conseqüentemente, o teste da legitimidade da subjetividade estética em geografia não é se ela é, ou não, ilusória, mas, se ilusória ela leva ou não à ilusão. Ela parece ser totalmente legítima para enriquecer e adicionar matizes e vivacidade ao estilo de uma exposição geográfica, que de outro modo se apresenta estritamente objetiva, através do uso de linguagem figurada e outros artifícios estéticos desde que sejam assim escolhidos e colocados para não iludir o leitor.

Em uma exposição predominantemente objetiva elementos subjetivos podem escorregar na forma de palavras ou frases que carregam conotação emocional. Isso também parece legítimo, desde que as imagens que tais palavras evocam na imaginação do leitor

correspondam às impressões que a maioria dos leitores receberiam na presença do fenômeno descrito ou exposto. Somos frequentemente tentados a usar expressões tais como “um bosque sombrio”, “frio cruel”, “uma montanha majestosa”, “uma tempestade ameaçadora”, “o misterioso desconhecido”. Jovens geógrafos têm sido advertidos pelos seus professores contra o emprego de tais adjetivos baseados no fato de que eles refletem emoções pessoais do autor e não são denominadores comuns e universais do simbolismo da ciência. Um bosque escuro pode não parecer sombrio para um caçador, ou o frio de cinquenta graus negativos não parecer cruel para um esquimó, ou o Monte Matterhorn não tão majestoso para os camponeses de Zermatt, ou o geograficamente desconhecido pode não ser misterioso para alguns de vocês. Tais termos, no entanto, dificilmente são ilusórios e o sofisma contra seu uso, de que devem ser discriminados e restritos, parece um pouco pedante. Trabalhos geográficos devem ser lidos por pessoas que compartilham uma herança mais ou mesmo comum, para os quais as respostas subjetivas para tais estímulos são similares. Uma frase em “The Near East”, de D.G. Hogarth, emperrou em minha memória por quarenta anos: “a terrível aridez do Sinai”. Alguns leitores daquele livro podem permanecer intocados com a sua admiração ao ver a as montanhas totalmente estéreis na península do Sinai. Certamente é legítimo no trabalho geográfico transmitir este senso de admiração para o leitor, apesar da aridez ser natural para os Beduínos do Sinai.

Naturalmente, fantasias imaginativas que derivam de alguma idiossincrasia especial ou de uma emoção peculiar ou passageira do autor, ou que são meras excentricidades, não têm lugar legítimo nas exposições geográficas se criam falsas impressões. Devo estar me exacerbando nos limites do subjetivo se descrevo minha floresta do Maine como a morada de goblins, elfos e lobisomens, apesar da minha imaginação poder criar tal cenário em uma noite de lua cheia.

## Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia

John K. Wright

Deste modo, apesar da subjetividade estética poder e, frequentemente, levar à ilusão e ao erro, existem maneiras de expressá-las que não o fazem e, portanto, devem ser consideradas ao menos como legítimas, se não desejáveis.

A segunda noção, de que a subjetividade estética não tem lugar na geografia – que, assim como uma vitrine, não possui propósito funcional – levanta a questão da necessidade. A noção está errada. O propósito funcional da subjetividade estética é potencializar o efeito, aumentando a clareza e vivacidade das concepções que estamos tentando transmitir aos leitores ou ouvintes. Ela nos permite dividir com eles as impressões que um lugar ou uma circunstância nos provocaram, para colocá-los na realidade a partir do sublime ponto de observação do objetivo e fazê-lo ver e sentir através de nossos olhos e sentimentos. É claro que existem limites além dos quais isto deixa de ser desejável. Uma exposição geográfica difere do conto de um viajante no qual o leitor pode se realizar no nível pessoal. Em geografia o subjetivo deve ser usado apenas para ressaltar o objetivo; nunca para enevoá-lo.

Algumas vezes discute-se que o estilo de uma exposição científica deve ser o mais claro, simples e conciso possível, e qualquer coisa a mais é supérflua; mas não se deve esquecer que o poder de estimular a imaginação é também complemento desejável. Muito do que geógrafos escrevem destina-se a ser lido por outros além de alguns colegas cujo interesse inicial em um assunto é tão intenso que suas imaginações seriam disparadas por quase qualquer exposição, mesmo que inartística. Mesmo que um geógrafo não esteja escrevendo para o leitor geral, seja lá quem este seja, ele deve ter em mente a possibilidade de que o seu trabalho seja usado no estímulo do interesse de graduandos e pós-graduandos em seus temas de estimação – certamente um fim desejável. Consequentemente, se ele deseja que

seu texto e também suas aulas exerçam o máximo de influência, certa quantidade de arte – ao menos um toque de subjetividade estética – devem ser colocadas neles.

A terceira noção é a de que a maioria dos geógrafos não têm habilidade de expressar a sensibilidade estética e deste modo devem evitar tentar fazê-lo. Isso, é claro, é um *non-sequitur* [falácia]. Não há dúvida de que a maioria dos geógrafos possui sensibilidade estética em boa quantidade e a habilidade em expressá-la pode ser desenvolvida por eles uma vez admitida a necessidade dela. Muito já foi escrito e mais ainda foi dito sobre a natureza da geografia; muito pouco sobre a natureza dos geógrafos. Se pudéssemos submeter alguns colegas representativos a uma psicanálise geográfica, tenho certeza que frequentemente desvendáramos a **libido** geográfica como sendo muito mais uma sensibilidade estética do que impressões de uma montanha, deserto, ou cidade como um desejo intelectual de resolver objetivamente os problemas que tais ambientes apresentam. As Sereias, às quais já aludi, apelam para o artístico e poético que vive dentro de muitos de nós, porque as Sereias são, elas mesmas, artistas e poetisas. Obviamente aqueles poucos que são basicamente deficientes em sensibilidade estética – e, portanto, funcionalmente surdos às Sereias – produzirão resultados lamentáveis ao tentar expressar o pouco que podem, e é sempre preferível evitar toda a subjetividade estética que dar voz a ela de uma maneira enganosa, banal ou forçada. A técnica de expressá-la sem violar tanto a integridade científica quanto o bom gosto, pode ser rapidamente dominada com a ajuda de regras e prescrições, até porque gosto é altamente subjetivo. Mas que a geografia pode ser escrita e ensinada artisticamente foi demonstrado muitas vezes no passado para se manter a crença de que isso não deve ser tentado.

Deste modo, com todo o respeito a quem pensa diferente, eu não considero o científico e o estético como mutuamente excludentes

ou antagônicos em geografia. A repressão do poético nas faculdades imaginativas pode nos privar de muita da satisfação que os estudos geográficos poderiam do contrário nos fornecer e pode tornar nosso ensinar e escrever menos poderosos do que poderiam ser. A geografia americana iria crescer e não encolher em sua estatura e estima se permitisse maior escopo às operações artísticas de nossa própria imaginação, e quando vemos faíscas de arte acendendo a imaginação de nossos pós-graduandos e colegas, devemos resistir à tentação de reprimi-los.

### IMPRESSÕES IMAGINATIVAS EMPRESTADAS

Não temos a compulsão de confiar exclusivamente na nossa própria imaginação ou de fazer uso apenas de seus produtos originais. A percepção imaginativa dos outros, o sentimento de lugar que muitos viajantes sensíveis registraram, podem ser mais afiados e acertados do que os nossos, e podem frequentemente ser emprestado para nossa vantagem. Ao interpretar a paisagem da Islândia ou da Arábia pode ser melhor citar aqui e ali Lorde Dufferin ou Doughty do que tentar dar impressões pessoais. É uma prática comum no ensino de história cultivar nos estudantes um sentido de tempo e contemporaneidade a partir da leitura de determinadas passagens de documentos escritos no período estudado. Não parece ser menos valioso no ensino de geografia regional o cultivo do sentido de lugar nos estudantes por meio da requisição da leitura de passagem de trabalhos nos quais o sentimento de lugar tenha sido mais efetivamente expresso. Além disso, apesar de nós preferirmos não pegar emprestado diretamente dos outros, nossas próprias respostas ao canto das Sereias tornam-se mais apuradas através da leitura de palavras daqueles que também as ouviram, e toda a tônica de nossos textos e aulas é enriquecido desta forma.

O domínio da geografia – geografia no senso de tudo que foi escrito, retratado e concebido sobre o assunto – consiste em um núcleo relativamente pequeno (para emprestar a frase de Whittlesey) e uma área periférica muito maior. O núcleo compreende os estudos formais em geografia; a periferia inclui toda a geografia informal contida em trabalhos não científicos – livros de viagem, revistas e jornais, livros de ficção e poesias, e também nas telas. Apesar de muito desta geografia informal ser de pouco valor para nós, alguns trabalhos mostram um profundo mergulho no centro do que importa, coisas com as quais estamos mais preocupados. Eu arrisco pensar que, de dois geógrafos igualmente competentes em todos os outros aspectos, aquele que melhor lê as passagens imaginativas da literatura Inglesa sobre as terras da Britânia descreverá melhor a geografia regional desta terra.

A zona periférica também inclui outro tipo de geografia ainda mais informal; aquela das concepções subjetivas de mundo que existem na mente de incontáveis pessoas comuns. Com o intuito de estimar o que esta é, nós raramente precisamos ir tão longe quanto os sociólogos ao fazer enquetes ostensivamente “científicas” sobre as atitudes humanas. Conversando simpaticamente com algumas pessoas inteligentes da terra, consultando os arquivos de jornais locais e outras publicações, e com um pequeno uso competente da intuição podemos, na maioria das circunstâncias, conseguir tudo o que precisamos para nossos objetivos. Por exemplo, os fazendeiros das grandes planícies devem olhar com certos sentimentos para as tempestades maciças depois de uma longa seca. Porque não dar vida aos nossos estudos regionais ou climatológicos das Planícies, permitindo que o leitor sinta esta emoção? Que ele combine uma expectativa esperançosa de chuva com o medo dos tornados é uma suposição razoável, apesar de sugerido subjetivamente pela imaginação e apenas parcialmente confirmado pelas conversas mais do que estabelecido rigorosamente

com base em entrevistas abrangentes ou questionários contendo exatamente quais devem ser as atitudes dos fazendeiros acerca do fim de uma seca.

## GEOGRAFIA E CONHECIMENTO HUMANO

Tentei sugerir alguns usos legítimos e desejáveis da imaginação em geografia. Agora gostaria de chamar atenção para um amplo domínio que permanece aberto a uma investigação geográfica muito mais intensa do que tem acontecido até agora.

O conhecimento humano é geralmente considerado como um fenômeno de significativa importância na face da terra. Ele pode ser submetido a dois tipos de pesquisa geográfica: podemos estudar a geografia de qualquer uma das formas de conhecimento ou podemos estudar o conhecimento geográfico de quaisquer pontos de vista.

A **geografia do conhecimento** é o aspecto da geografia sistemática que lida potencialmente com o conhecimento e crenças de todos os tipos, seja religioso, científico, filosófico, estético, prático ou qualquer outro. As várias formas e manifestações de conhecimento são investigados à luz de sua distribuição e relações, precisamente como relevo, cidades, línguas, ou outras categorias de fenômenos terrestres que são investigados nos ramos da geografia. A atenção, no entanto, está concentrada nos resultados que o conhecimento produz na face da terra, mais do que com a natureza geográfica do conhecimento ele mesmo.

Apesar de fortemente relacionada com a geografia cultural, a geografia do conhecimento difere desta última no mesmo sentido de que conhecimento se difere de cultura. Conhecimento é mais fluido do que cultura, frequentemente se espalhando rapidamente de uma área cultural para a outra sem alterar fundamentalmente os padrões

estabelecidos. Os sociólogos têm desenvolvido a sociologia do conhecimento de maneira mais consciente e talvez mais sistemática do que nós temos desenvolvido a geografia do conhecimento e provavelmente considerariam esta última meramente parte da outra. Não precisamos nos preocupar com isso, porque há muitas fases da geografia nas quais podemos lucrar com as explorações conduzidas por outros pesquisadores.

Apesar das possibilidades de pesquisa na geografia do conhecimento serem atraentes, gostaria de me ater aqui e agora mais particularmente ao segundo tipo de investigação, o **estudo do conhecimento geográfico**. Como não há nenhum termo aceito para este campo comparável com “musicologia” ou “historiografia” respectivamente o estudo do conhecimento musical e histórico, devo ceder à permanente tentação do geógrafo e cunhar um. Meu termo é **geosofia**, composto de *geo* que significa “terra” e *sofia* que significa “conhecimento”. Apesar de sugerir teosofia, não há conexão: assim como a **geosofia** não deve ser confundida com **geosofisma** ou **geopedantismo**, ambos conhecidos por florescer. Ainda, para não interpretar erroneamente, não estou tentando introduzir nenhum destes termos na literatura da geografia<sup>5</sup>.

Geosofia, repetindo, é o estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista<sup>6</sup>. Sendo para a geografia, o que a historiografia é para a história, ela lida com a natureza e a expressão do conhecimento geográfico tanto passado quanto presente – com o

5 Assim, relego a uma nota de rodapé a sugestão de que o conhecimento geográfico deveria ser chamado *sofogeografia* em uma analogia com a biogeografia, a zoogeografia, etc.

6 Estudos do conhecimento geográfico pelo ponto de vista *geográfico* – i.e., em termos de sua distribuição geográfica, relações territoriais, etc., como sugerido sob o título “Geosofia Cartográfica” abaixo – são contribuições não apenas para a geosofia, mas também para a geografia do conhecimento. A presente palestra é um estudo de geosofia, mas não de geografia do conhecimento. Trabalhos objetivando, por exemplo, interpretar a distribuição de analfabetos, ou de doutores, ou de pessoas que leem Russo nos Estados Unidos, seriam estudos de geografia do conhecimento, mas não de geosofia.

que Whittlesey chamou de “sentido [terrestre] espacial do Homem”<sup>7</sup>. Deste modo, ela se estende muito além do núcleo da geografia, do conhecimento científico, ou da geografia do conhecimento como é sistematizada pelos geógrafos. Levando em consideração todo o domínio periférico, que cobre as ideias geográficas, tanto as verdadeiras quanto as falsas, de todo tipo de pessoa – não apenas geógrafos, mas fazendeiros, pescadores, executivos e poetas, romancistas e pintores, beduínos e hotentotes – e por esta razão ela necessariamente precisa lidar em alto grau com concepções subjetivas. De fato, mesmo partes dela que lidam com a geografia científica devem considerar os desejos humanos, motivações e preconceitos, porque a menos que eu esteja enganado, em nenhum lugar há geógrafos mais prováveis de serem influenciado pelo subjetivo do que nas discussões sobre o que deve ser a geografia científica.

Enquanto é verdade que ideias subjetivas podem ser estudadas objetivamente até certo ponto, a geosofia certamente não é um campo no qual se pode aplicar os métodos rigorosos de análise das ciências físicas e na geografia física. No entanto, sobre isso, eu duvido que qualquer geógrafo em seu pleno sentido consideraria a geosofia ilegítima ou indesejável. Seu valor tanto para nós mesmos, quanto para outros que queremos servir, precisa de pouca defesa. A geosofia pode fornecer um fundo e uma perspectiva indispensáveis para nosso trabalho. Ela pode demonstrar onde estão os caminhos nos quais observamos e pensamos em um plano mais amplo. Nos ajudando a compreender melhor as relações da geografia científica com as condições históricas e culturais das quais ela é produto, a geosofia pode nos permitir sermos melhores cientistas geógrafos, quando for este o propósito. O reconhecimento de sua função nessas temáticas

está implícito nas discussões metodológicas com as quais muitos geógrafos Americanos se encantam, e especificamente através da ênfase que Sauer, Brown, Whittlesey e outros colocaram nos valores que derivam da história da geografia.

Há muitas abordagens possíveis no estudo da geosofia. Permita-nos considerar duas delas – a abordagem cartográfica e a histórica.

A abordagem cartográfica da geosofia envolve a elaboração de mapas que apresentam informações sobre a distribuição do conhecimento geográfico. Obviamente, todo mapa conta alguma coisa a este respeito; um mapa geosófico é desenhado especificamente para este propósito.

Tais mapas podem ser agrupados em duas categorias principais. A primeira compreende mapas que apresentam fatos relacionados com o que é ou tem sido conhecido **sobre** diferentes áreas. De longe o mais comum destes são mapas mostrando áreas que foram pesquisadas e mapeadas de diversas formas, para vários propósitos, e com variados graus de intensidade e precisão – mapas **cartosóficos**, em outras palavras, porque descrevem conhecimento cartográfico. Na mesma categoria, no entanto, também pertenceriam os mapas-múndi, como conhecidos pelos gregos e romanos, ou dos Estados Unidos como concebidos por Mr. Keystone amigo de Ralph Brown em 1810<sup>8</sup> ou, talvez, pelo bostoniano contemporâneo médio.

O segundo grupo compreende mapas que revelam fatos acerca do conhecimento geográfico, presente ou passado, **em** diferentes áreas ou diferentes lugares. Este campo está praticamente virgem para a experimentação inventiva. Um mapa de pontos, por exemplo, mostrando a distribuição dos membros da Associação Americana de Geógrafos e da Associação Americana de Geógrafos Profissionais

7 Ver Derwent Whittleset, “The Horizon of Geography”, *Annals Assn. Amer. Geogr.*, Vol. 35, 1945, p. 1-38.

8 Ver Ralph H. Brown, “Mirror for Americans: Likeness of the Eastern Seaboard, 1810”, New York, 1943 (*Amer. Geogr. Society Special Publ.*, n. 27).

*Terrae incognitae: o lugar da imaginação na geografia*  
John K. Wright

revelaria informações de considerável interesse sobre a distribuição do conhecimento geográfico na América do Norte, especialmente se cada ponto fosse colorido de acordo com a qualidade e em tamanho proporcional à quantidade de conhecimento geográfico na mente de cada profissional.

Se este mapa geosófico particular seria ou não factível ou desejável, os mapas geosóficos em geral demonstram nitidamente o contraste entre as sombras de ignorância e a luz do conhecimento. *Terrae incognitae* de várias formas e graus se mostram claramente, para despertar nossa curiosidade.

#### **GEOSOFIA HISTÓRICA, OU A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA**

A abordagem histórica da geosofia implica no estudo da história do conhecimento geográfico, ou o que costumeiramente chamamos “história da geografia”. Esta temática é normalmente compreendida como aquela que lida com o registro do conhecimento geográfico adquirido através da exploração e do trabalho de campo, e como a disciplina foi criada e formalizada, e muito do trabalho que tem realmente sido feito está restrito ao campo do núcleo do conhecimento geográfico, excluindo sua área periférica. Há, no entanto, mérito em concebê-la de modo mais abrangente. Já sugeri que o conhecimento geográfico de um tipo ou outro é universal entre os homens e, de modo algum, monopólio dos geógrafos. Todas as pessoas conhecem alguma geografia, e me aventuro a pensar que muitos animais também.

Seja lá como for com os animais, tal conhecimento é adquirido em primeira instância através de observações de vários tipos – a partir da visão do homem da idade da pedra às medidas geodésicas precisas de hoje auxiliadas pelo uso de aparelhos eletrônicos. Sua aquisição, em contrapartida, é condicionada pela complexa ação recíproca de

fatores culturais e psicológicos. Os dados com os quais ele lida caem no âmbito de cada uma das ciências naturais, os estudos sociais e as humanidades. Sua gama de concepções parte do puramente pessoal, impressões subjetivas de um fazendeiro ou um caçador, àquelas ganhas a partir de cálculos matemáticos rigorosos e correlações estatísticas altamente refinadas, e encontram expressão não apenas na forma científica, mas através da literatura e da arte. De fato, quase todas as atividades importantes nas quais o homem se engaja como capinar um campo, escrever um livro, conduzir um negócio, pregar o evangelho ou travar uma guerra é, em alguma medida, afetada pelo conhecimento geográfico à disposição. Se, portanto, a história da geografia for concebida como potencialmente abrangendo de todo o conhecimento geográfico do passado em suas várias relações de causa e efeito, de fato é uma temática imensa. Ela é, no entanto, não mais imensa que certas temáticas cujo ensino tem sido promovido hoje – notadamente a história da ciência ou das humanidades em geral, ou “civilização contemporânea” – e tem, além disso, uma vantagem sobre essas, no sentido de que amarra com um fio unificador – o da geografia – um registro de segmentos grandes e representativos do empreendimento humano, pensamento, emoção e técnica. Por esta razão, afirmo que é uma temática da qual a investigação e o ensino oferecem valores educacionais e culturais esplêndidos.

#### **UMA ASPIRAÇÃO**

Devo concluir expressando uma aspiração, bastante visionária, sem dúvida, e que não deve ser tomada muito literalmente. Minha aspiração é que um dia se estabeleça em algumas de nossas universidades, cadeiras de geosofia e geografia do conhecimento. O propósito seria aumentar a eficiência da pesquisa geográfica e da educação, aumentando seu

## *Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia

John K. Wright

escopo. Uma escola do pensamento sustentou que a eficiência da geografia pode ser aumentada apenas limitando seu escopo, mas esta escola parece confundir eficácia da geografia como disciplina ou profissão com aquela do geógrafo individual ou dos departamentos universitários instituídos. Atualmente, a tendência mais geral é de destacar a necessidade de melhor conexão entre a geografia e outras disciplinas, notadamente a ecologia, ciências do solo, economia agrícola e industrial e a antropologia cultural, e não são poucos os que se arrependem de perder os laços com a geologia e os vários ramos da geofísica. À vontade de estabelecer e reestabelecer tais contatos, eu adicionaria, como não menos desejável, o reestabelecimento de conexões mais próximas com a história e as humanidades.

Na periferia que fica fora do núcleo da geografia científica há encantadoras *terrae incognitae*. Se nós mesmos não nos sentimos pessoalmente equipados ou competentes para conduzir excursões dentro delas, devemos excluí-las do âmbito de nossa simpatia? Apesar da maioria de nós estar comprometida com o avanço da geografia científica ao longo de caminhos retilíneos e estreitos e faria bem em não desviar muito longe da direção que estes caminhos levam, podemos ao menos estender nossos interesses e encorajar aqueles que ousadamente cortam para outras rotas. Algo deve ser dito considerando a sabedoria, distinta da ciência pura, como nosso *métier*. Todas as ciências devem ser sábias, mas nem toda sabedoria pode ser rigorosamente científica. Além disso, a sabedoria envolve não apenas as ciências naturais e os estudos sociais, mas também as humanidades – as artes e letras – investiga não menos do mundo da experiência subjetiva e expressão imaginativa do que sobre a realidade externa. As *terrae incognitae* da periferia contém campo fértil esperando cultivo com as ferramentas e com o espírito das humanidades.

Os professores que tenho em mente desenvolveriam suas temáticas ao longo de diferentes linhas de acordo com seus gostos. Alguns se especializariam na geosofia da ciência geográfica – em sua história, seus métodos e talvez em estudos biográficos comparativos sobre as carreiras de alguns geógrafos como sinalizadores de um progresso maior na geografia. Outros talvez se preocupem com concepções geográficas, tanto as científicas quanto as outras, como influenciam e são influenciadas pelas atividades humanas particulares e suas motivações, ou com categorias particulares do conhecimento geográfico em relação às mudanças de maré nas doutrinas e opiniões.

Ao menos um ou dois certamente devem se dedicar ao que pode ser chamado de geosofia estética, o estudo da expressão de concepções geográficas em literatura e na arte. Os historiadores da literatura, mas poucos geógrafos, seguiram o canto das Sereias para dentro destas *terrae incognitae*. Precisamos deixar suas explorações inteiramente para os estudiosos da literatura? Uma função dos meus professores hipotéticos de geosofia estética – apesar de que Deus me perdoe de serem chamados por um título tão abominável – seria prevenir a próxima geração de geógrafos de se tornarem tão densamente arraigadas no prosaico e tornar o estudo de geografia mais poderoso do que agora parece ser, ao disparar as imaginações artísticas e poéticas dos estudantes e do público. Estes professores devem ser estudiosos no sentido humanista – homens altamente instruídos nos clássicos da geografia e também na literatura em geral, na crítica literária e na história. Mestre de um estilo não apenas claro, mas irreprimidamente artístico, seus textos devem ajudar a elevar os padrões dos textos geográficos como um todo. Suas pesquisas e aulas seriam direcionadas para o descobrimento e a interpretação das verdades geográficas, as crenças e erros que eles encontram e encontraram na expressão literária e artística. Desde que não venham a se considerar como

*Terrae incognitae*: o lugar da imaginação na geografia

John K. Wright

os únicos e verdadeiros expoentes do que a geografia deveria ser, seria pequeno o perigo de eles exercerem um efeito adverso sobre o avanço e o prestígio da ciência geográfica. Eles podem fazer muito ao manter nossos ouvidos abertos para o canto das Sereias e fazer das

nossas viagens para o geograficamente desconhecido uma aventura constantemente satisfatória, pois, talvez, as mais fascinantes de todas as *terrae incognitae* são aquelas que ficam dentro das mentes e corações dos homens. ©

Submetido em Maio de 2014.

Aceito em Junho de 2014.